



FENOMENOLOGIA DA PAISAGEM: POR UMA GEOGRAFIA DO MUNDO-DA-VIDA¹

Paulo Afonso Dias de Lima²

RESUMO

Em um duplo movimento, o artigo objetiva destacar a dimensão espacial, frequentemente subestimada, na teoria de Alfred Schütz e refletir sobre a ação corporificada (Leib) como operador metodológico para orientar e significar o espaço nas ciências sociais. Com foco na noção de mundo-da-vida em Schütz, integra contribuições de Merleau-Ponty e Bachelard e retoma a interlocução entre geografia e fenomenologia para fundamentar uma fenomenologia da paisagem sensível ao sentido vivido. Metodologicamente, desenvolve estudo de caso preliminar, explicativo-descritivo, com revisão bibliográfica e etnografia do mundo-da-vida, com foco em manifestações culturais na Feira do Açaí (Belém-PA), roda de samba e de carimbó. Os resultados conceituam espaço e paisagem como tipificações intersubjetivas ancoradas na corporeidade e nas estruturas de relevância, e sistematizam formas tipificadas e recorrentes de presença e ação que modulam a ambiência pública. As contribuições tornam explícita a espacialidade originária em Schütz, oferecem princípios analíticos para reconstruir experiências espaciais e indicamos implicações para pesquisas que integram paisagem, práticas cotidianas e atmosferas sociais.

Palavras-chave: Fenomenologia; Mundo-da-Vida; Paisagem; Alfred Schütz.

ABSTRACT

In a twofold move, this article foregrounds the often underestimated spatial dimension in Alfred Schütz's social theory and examines embodied action (Leib) as a methodological operator for orienting and imparting meaning to space in the social sciences. Focusing on Schütz's notion of the lifeworld, and drawing on Merleau-Ponty and Bachelard, it revisits the dialogue between geography and phenomenology to ground a phenomenology of landscape attuned to lived spatial sense. Methodologically, it develops a preliminary explanatory-descriptive case study that combines a literature review with lifeworld ethnography, centered on Belém's Feira do Açaí, particularly samba and carimbó circles. Findings conceptualize space and landscape as intersubjective typifications anchored in corporeality and structures of relevance, and systematize typified, recurrent modes of presence and action that modulate public atmospheres. The contributions make explicit Schütz's originary spatiality, offer analytical principles for reconstructing spatial experience, and indicate implications for research that integrates landscape, everyday practices, and social atmospheres.

Keywords: Phenomenology; Lifeworld; Landscape; Alfred Schütz.

¹ *Lebenswelt* é o termo alemão para "mundo-da-vida", conceito central da fenomenologia husserliana. Designa o horizonte de sentido vívido e compartilhado intersubjetivamente, anterior a qualquer objetivação científica ou teórica. É nesse mundo pré-reflexivo, cotidiano e intercorporal que se dão as experiências fundantes do sujeito no mundo (Schütz, 1979).

² Graduado em Geografia. Mestre em Planejamento do Desenvolvimento. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido da Universidade Federal do Pará, NAEA/UFPA, paulo.afonso800@gmail.com;



INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe, em um duplo movimento: (1) argumentar sobre a dimensão espacial implícita na teoria de Alfred Schütz, muitas vezes ofuscada por leituras sociológicas ou apropriações geográficas superficiais; (2) refletir sobre o potencial metodológico da ação corporificada (*Leib*³) schutziana como meio de orientação e significação espacial para as ciências sociais que investigam características espacializadas como modos intersubjetivos de ser-no-mundo (Doerfler; Rothfuß, 2023). A tese central de sustentação é de que a corporeidade em Schütz, complementada pela corporeidade em Merleau-Ponty, configuram um *a priori* concreto para geografias fenomenológicas críticas ancoradas no mundo-da-vida (Doerfler; Rothfuß, 2023). Não se trata da aplicação de conceitos, mas da radicalização da espacialidade originária presente na cotidianidade, conforme expressa nas estruturas da relevância e na constituição pré-reflexiva do Outro (Schütz, 1979).

A relação entre geografia e fenomenologia possui uma historicidade própria, com aproximações desde meados do século XX, intensificação nos anos 1970 e desdobramentos relevantes nas últimas décadas (Serpa, 2019; Doerfler; Rothfuß, 2023). A retomada crítica dessa interlocução, aliada à conceituação fenomenológica da paisagem (Bachelard, 1993; Wylie, 2007; Huang, 2012; Serpa, 2019), é aqui revisitada à luz da experiência vívida e da intencionalidade constitutiva do mundo-da-vida (Schütz; Luckmann, 2023), como base para uma abordagem sensível ao sentido espacial vívido.

As indagações aqui apresentadas emergem de um percurso reflexivo sobre a realidade amazônica, especialmente na cidade de Belém, capital do Pará, entendida neste trabalho tanto como localidade geográfica quanto como vivência situada. É nesse espaço que se propõe uma fenomenologia da paisagem, orientada pelas transformações recentes nos espaços públicos, com foco em manifestações culturais na Feira do Açaí (Belém-PA), tal como são vividas por corporeidades e apresentadas intersubjetivamente⁴.

³ *Leib* é um termo da língua alemã geralmente traduzido como “corpo vivido” ou “corpo próprio”, em oposição a *Körper*, o corpo físico ou anatômico. Mantém-se a grafia original devido à carga filosófica específica que carrega na tradição fenomenológica, sobretudo Maurice Merleau-Ponty (Merleau-Ponty, 1999).

⁴ Este percurso reflexivo faz parte do processo de elaboração da tese de doutorado em andamento do autor, cuja abordagem se ancora metodologicamente na fenomenologia como forma de compreender a experiência socioespacial situada. Esta pesquisa é financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.



Argumenta-se que a fenomenologia pode servir para a geografia, uma ciência social do espaço, capaz de captar e reconstruir as experiências espaciais do mundo-da-vida, nas quais estamos imersos em lugares, intersubjetividades e atmosferas sociais (Doerfler; Rothfuß, 2023). Incorporando Alfred Schütz nos debates geográficos, evidenciando o caráter prático e pré-reflexivo do espaço.

METODOLOGIA

Como suporte ao objetivo teórico, utiliza-se um estudo de caso preliminar, explicativo e descritivo (Yin, 2001), ainda em construção, que analisa a transformação da paisagem a partir de duas manifestações culturais vinculadas à ancestralidade amazônica, na Feira do Açaí, em Belém do Pará: uma roda de samba e uma roda de carimbó. A metodologia adotada inclui revisão bibliográfica e trabalho de campo etnográfico, com observação dos participantes dessas manifestações. A análise fenomenológica do mundo-da-vida foca nas experiências vividas por frequentadores e participantes, com base no conceito de “situação”, e compartilhada de intencionalidade, conforme a abordagem de Honer (1993), que propõe uma “etnografia analítica do mundo-da-vida”⁵.

REFERENCIAL TEÓRICO

Espaço e paisagem, neste trabalho, são entendidos como tipificações do mundo-da-vida, derivadas das dimensões pré-linguais da experiência social e material. Essa abordagem é crucial para compreender o espaço, já que ele emerge como exemplo desse processo. Sem o reconhecimento do típico em um ambiente, não seria possível qualquer orientação existencial ou familiaridade mínima, essencial para transformar o espaço em algo vívido e significativo (Doerfler; Rothfuß, 2023).

Assim, a paisagem não é uma coisa, mas uma configuração intersubjetiva, construída no entrelaçamento entre o corpo vívido (*Leib*), como estruturas de relevância e a sedimentação dos sentidos compartilhados, que orientam a ação cotidiana (Merleau-Ponty, 1999; Schütz; Luckmann, 2023). Nesse processo, a corporeidade desempenha um papel fundamental, pois é

⁵ As idas a campo ocorreram antes do fechamento parcial da Feira do Açaí para reforma, iniciado no final de 2024. Embora parte da feira continue funcionando, as manifestações culturais investigadas nesta pesquisa deixaram de ocorrer desde o início das intervenções, o que torna os registros realizados anteriormente especialmente relevantes para a análise proposta.



por meio do corpo que as experiências são vivenciadas e compartilhadas, permitindo que a paisagem seja construída intersubjetivamente.

Isso fundamenta a compreensão intersubjetiva e a objetividade da subjetividade. A redução fenomenológica ao conhecimento do *Leib* é essencial para aproximar-se das vivências que constroem as tipificações, permitindo acessar uma estrutura corporal da experiência e reconstruir os significados que configuram o mundo social e material (Doerfler; Rothfuß, 2023). A reconstrução da experiência espacial é igualmente necessária, pois relações como a paisagem se consolidam e objetivam significado quando outros assuntos, de forma "típica", participam de um processo intersubjetivo, através da seleção de termos específicos e retenção das vivências (Doerfler; Rothfuß, 2023). Esse processo de tipificação é central para a formação de um ser-mundo compartilhado, exigindo análise das dimensões intersubjetivas e a articulação dos significados compartilhados na constituição da paisagem.

The 'art' of objectification and scientific reconstruction is to methodologically allow this spatial knowledge to 'talk', that is to say, to objectify it as a second order observation without sacrificing the subjective sensory content [...] For us it is neither about the constructions themselves, which subjects make based on their spatial experiences, nor a mere attribution of meaning to places, locations, etc (Doerfler; Rothfuß, 2023 p. 154-156).

Considerando o espaço restrito para teorização em um trabalho ainda em andamento, centramos esta seção nas tipificações e nos sentidos espaciais que emergem na paisagem da Feira do Açaí. Não buscamos esgotar o tema, mas evidenciar que a paisagem, enquanto configuração do mundo-da-vida, articula intersubjetivamente experiências corporificadas que orientam circulação, percepção e co-presença. É nessa dinâmica entre tipificação e imaginação que a ambiência pública se produz e se torna comunicável, permitindo compreender a feira como paisagem que simultaneamente cristaliza memórias e projeta caminhos possíveis.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise qualitativa das conversas, falas, interações e observações realizadas entre 2023 e 2024 na Feira do Açaí, foram delineadas sete formas recorrentes de presença e ação no espaço. Construções analíticas que não pretendem classificar sujeitos em categorias fixas, mas compreender diferentes modos de orientar-se no espaço público, conforme relevâncias biográficas, afetivas e práticas. Dialogando com Alfred Schütz (1979) e com a



etnografia do mundo-da-vida⁶ proposta por Honer (1993), a tipificação expressa padrões de comportamento, percepção e posicionamento frente à feira, sua ambiência e seus conflitos cotidianos. A seguir, são apresentados sete tipos — cada um articulando citações empíricas, traços de orientação prática e grupos sociais predominantes.

Como construções tipológicas, a tentativa é reconstruir tipificações a partir dos tipos aqui propostos, sendo assim, os mesmos possuem vigência situacional e caráter transicional: atualizam-se no curso da ação conforme o sistema de relevâncias que emerge da situação biográfica do ator e da tessitura intersubjetiva da feira (Schütz; Luckmann, 2023). O estoque de conhecimento à mão fornece “receitas” práticas que orientam antecipações e expectativas, mas é continuamente reordenado por novos encontros, pela reciprocidade de perspectivas e pelas mudanças de projeto e de motivos em jogo (Schütz; Luckmann, 2023). Assim, em poucas horas, um mesmo sujeito pode atuar de modo Pragmático-Estrategista ao negociar e organizar a logística, transitar ao Comunitário-Afetivo ao reencontrar conhecidos e rememorar vínculos, deslocar-se ao Vivente-Recreativo ao permanecer numa roda de samba, ou mesmo assumir uma postura Normativo-Reguladora diante de pressões de fiscalização. Esses deslocamentos são modulados por fatores subjettivos (fadiga, humor, expectativas, memórias) e intersubjetivos (confiança, conflito, acordos tácitos), além de condicionantes espaciais e temporais (madrugada vs. entardecer, fluxo de embarcações, presença policial). Por isso, os tipos devem ser lidos como “esquemas de referência” abertos, úteis para descrever estilos de orientação no espaço público da feira, e não como identidades fixas ou classificações rígidas. (Schütz; Luckmann, 2023).

Pragmático-Estrategista

Essa tipificação manifesta-se naqueles sujeitos que concebem a feira como um campo de operação funcional. A espacialidade é percebida de maneira estratégica: zonas de carga, pontos de venda, passagens otimizadas, conflitos logísticos. Um feirante mais velho, por exemplo, afirma que “o carro mal posicionado atrapalha tudo”, expressando uma relação de controle funcional e cálculo com o espaço, visando impulsionar o seu projeto, a venda. A corporeidade é direta, orientada por objetivos claros e ações resolutivas. Tais sujeitos agem conforme à realização de fins imediatos. O corpo negocia e regula os fluxos cotidianos com

⁶ As tipificações originam-se de uma etnografia do Mundo-da-vida, baseada em escutas cotidianas, observação participante e conversas informais realizadas entre 2024 e 2025 na Feira do Açaí. Para preservar a segurança dos interlocutores e a do pesquisador, e considerando o escopo que o trabalho propôs optou-se por ocultar os nomes dos participantes e sistematizar as falas para a formalização das atitudes tipificadas propostas, conforme normas éticas em pesquisas urbanas vulneráveis ou em um contexto de proximidade com a cultura analisada, como discutido por Fonseca (2008).



base em esquemas sedimentados de eficácia prática, o que deu certo antes tende a dar certo novamente agora (Schütz; Luckmann, 2023). O espaço público, nesse caso, é um recurso a ser organizado.

Normativo-Regulador

Tipificação visível naqueles que ocupam o espaço com um olhar vigilante, muitas vezes associado a posições de autoridade ou a expectativas formais de ordem e segurança. Policiais, fiscais ou moradores que assistem às festas com incômodo se encaixam nesse perfil. Um comentário nas redes sociais da prefeitura sobre a recente reforma na Feira do Açaí afirma preocupação do mesmo em relação a feira, argumentando que “ninguém controla, tem muito lixo, som alto demais”, expressando uma dissociação entre sua expectativa normativa e a realidade desorganizada do espaço. A presença é tensa: o corpo está mais observador (fisicamente e socialmente) que participante, mais reativo do que afetivamente engajado. Esse tipo mobiliza tipificações rígidas, ligadas a motivações baseadas em esquemas morais e sociais (Schütz; Luckmann, 2023). Uma orientação institucionalizada, onde o sujeito busca estabilidade normativa e sente desconforto quando ela falha. O espaço público, aqui, é visto como algo que precisa ser domado.

Comunitário-Afetivo

Esta se ancora em laços de memória, pertencimento e continuidade. São sujeitos que se referem à feira como “casa”, “espaço de criação” ou “herança viva”. O espaço não é apenas cenário, mas extensão simbólica da biografia. O corpo circula com familiaridade, cumprimenta, toca, permanece. As práticas são regidas por relevâncias afetivas e motivos profundamente incorporados (Schütz; Luckmann, 2023). O espaço público é aqui vivido como lugar — não apenas como localização, mas como familiaridade (Holzer, 2003).

Crítico-Desencantado

Sujeitos que já foram intensamente envolvidos, mas que agora ocupam o espaço com ressentimento ou melancolia. Um antigo participante da roda de samba afirmou: “isso aqui virou só comércio... perdeu a alma”. O espaço é lido como deterioração de algo que já foi melhor; o corpo está presente, mas com reservas. As motivações são ambíguas: há afeto, mas também desencanto. Isso expressa uma quebra na coerência do mundo da vida — a tipificação anterior já não dá conta da realidade vivida, ele precisa e busca uma explicação que contemple



sua nova situação (Schütz; Luckmann, 2023). O sujeito permanece, mas em estado de suspensão. O espaço público torna-se palco de uma perda, carregando um luto simbólico.

Integrador-Invisível

Opera nas margens da visibilidade, sustentando o funcionamento cotidiano da feira sem reconhecimento simbólico. São os catadores que limpam silenciosamente, os moradores de rua que ajudam a montar e desmontar. A corporeidade é laboriosa, mas apagada; o espaço é vivido em sua funcionalidade, mas não há um convívio emocional. Permanece à tipificação imposta pelos outros, com pouca possibilidade de reversão. Trata-se de uma operação invisibilizada, que garante a continuidade da cena sem inscrevê-la na memória coletiva. O espaço público é vivido e ao mesmo tempo negado.

Distanciado-Recreativo

Este tipo ideal manifesta-se nos sujeitos que frequentam a feira buscando prazer estético e consumo sensorial, mas sem engajamento afetivo ou político. O corpo dança, relaxa, flui. A feira é festa, mas não é pertença. As motivações são episódicas, e o espaço é vivido como palco — algo que se atravessa, não que se habita. Trata-se de uma orientação estética-consumista, própria de espaços urbanos mercantilizados. O espaço público é aqui experimentado como espetáculo temporário, mais cenário do que vivido.

A reestruturação de tipificações proposta permite uma leitura mais densa e fiel às bases fenomenológicas da pesquisa. A Feira do Açaí não se apresenta como um espaço homogêneo, mas como uma tessitura de relevâncias, estilos de presença e disputas sensíveis. Não é um palco unitário, mas um campo de visibilidades seletivas, onde diferentes modos de habitar se sobrepõem, se negociam ou se anulam mutuamente.

Mais do que identidades fixas, as tipificações revelam atitudes: maneiras de perceber, de agir, de lembrar e de esperar o outro e o espaço. São formas de orientação que emergem da posição biográfica dos sujeitos, de seus estoques de conhecimento sedimentado e da corporalidade em situação (Schütz; Luckmann, 2023). Modos de estar no espaço público que, ao mesmo tempo, conformam e são conformados pela paisagem da Feira.

Ao descrever tais formas de presença a partir da prática etnográfica, inspirada em Honer (1993), busca-se não cristalizar os sujeitos, mas tornar visível a multiplicidade de formas de engajamento com o espaço urbano e com os outros. No movimento real da experiência vivida, os tipos podem se ativar simultaneamente ou se suceder ao longo do tempo, segundo os



contextos, as interações e as mudanças situacionais. Nesse sentido, os tipos operam aqui como ferramentas interpretativas, que auxiliam a reconstruir os sentidos intersubjetivos da experiência com o espaço público e, em especial, com os batuques na Feira do Açaí.

Ao contrário de perspectivas que apontam apenas para a homogeneização dos espaços públicos contemporâneos, a retração da vida coletiva ou a individualização das relações, este caso revela que tais lugares ainda podem ser vívidos como espaços de compartilhamento simultâneo e sucessivo. A potência da vida — entendida aqui tanto na construção biopolítica de Giorgio Agamben (Huang, 2015), quanto na teoria fenomenológica de Alfred Schütz (1979), como atenção à vida — é capaz de converter espaços comuns em lugares de resistência (Huang, 2016; Doerfler; Rothfuß, 2023). Habitar uma paisagem, nesse sentido, é também um gesto político: trata-se da organização dos sujeitos que unem o espaço e da negociação das regras comuns de convivência.

As tipificações da/na paisagem identificam as diversas tentativas de construções da mesma, que versam sobre o passado, o presente, mudanças, manutenções, algumas em oposição, outras não. A partir de Cosgrove (1998) em que as leituras da paisagem devem articular estudos culturais e os estudos sobre poder vemos que a paisagem da Feira do Açaí expressa essa ideia, demonstrando relações de poder na construção de paisagens “hegemônicas, subalternas e alternativas” (Cosgrove, 1998, p. 101), assim cada uma dessas culturas encontraria uma expressão e um sentido na paisagem, “mesmo se apenas numa paisagem de fantasia” (Cosgrove, 1998, p. 105). Visto que, os batuques, objetos desse trabalho são práticas culturais e de lazer, admitimos que os mesmos perpassam por elementos de diversas ordens na tentativa de construção, reconstrução e hibridização da/na paisagem da Feira do açaí, usando diversas estratégias para tal:

As características das atuais práticas de lazer passam por elementos de diversas ordens: consumo forte; fronteiras e mobilidades híbridas; campo relacional com estratégias, táticas e artifícios; resultados imprevisíveis. São perpassadas ainda por ações de ocupação e sociabilidade nos espaços públicos, e tendem ainda a uma espécie de encontro do conceito de lazer com as formas infinitas de sociabilidade, expressas por performances urbanas (Figueiredo, 2018, p. 160).

É preciso em toda análise sobre paisagens ir além do visível, visto que a paisagem não é algo estático ela possui movimentos diversos e uma historicidade (Serpa, 2019). Em uma perspectiva geográfica é necessário ir além de uma leitura formal e funcional sobre as paisagens, visto que “se não admitirmos que não é somente a realidade objetiva que deve reter nossa atenção, mas também como essa realidade fala aos sentidos do sujeito que observa”

(Serpa, 2019 p. 81). A figura 01 indica a paisagem da Feira do Açaí em um momento de manifestação cultural e festa.

Figura 01 – Manifestação cultural na Feira do açaí



Fonte: Sambatuque Feira do Aenançai (2023,s.p.)

A imaginação material, segundo Bachelard (1993) e Huang (2015), confere substância à imaginação formal, permitindo-lhe exercer uma força transformadora no mundo sensível. A paisagem, assim, não é apenas um campo de disputas, mas algo que pode ser sonhado e ressignificado. A paisagem amazônica, como propõe Moreira (1989), não se apresenta como utopia, mas como um modo de ser-no-espço, um espaço vívido que hibridiza intersubjetividades e se abre à ação. A festa, enquanto manifestação coletiva no espaço público, exemplifica essa potencialidade criadora, afirmando o direito à cidade e utilizando a imaginação para transformar a percepção do mundo.

Os batuques não apenas marcam a paisagem da feira do açaí, mas também são uma das matrizes que constroem a mesma, e foi pela paisagem que buscamos acesso as manifestações culturais citadas e a partir disso as manifestações deram sentido e simbolizaram a paisagem que foi apreendida (Berque, 1998). Para além de campo de disputas e tensões a paisagem tornasse possível de ser imaginada (sonhada) de forma diferente, nas palavras de Moreira (2012):



O homem prático submete invariavelmente a sua paisagem ideal às considerações e aos padrões rotineiros da paisagem física; não vê a primeira senão como um reflexo ou uma ampliação da segunda, razão por que a diferença entre ambas é nesse caso apenas de grau ou dimensão. O sonhador, ao contrário, não só as polariza como torna incompatível a significação de ambas em face da sua vida. Por força da sua preferência sistemática por uma, inverte-lhes o sentido e a função; torna a paisagem ideal o campo efetivo da sua vida (Moreira, 2012, p. 173-174).

A Paisagem amazônica sonhada (Moreira, 2012) emerge enquanto possibilidade, mais que uma utopia, um modo de ser no espaço, que hibridiza intersubjetividades e prepara para uma ação utilizando a festa no espaço público como potência do viver a cidade e ser no mundo “Amamos a paisagem não só pelas sensações e emoções que ela nos causa, como também pela amplitude com que nos permite ver a vida” (Moreira, 1989, p. 221).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como Paisagens/Lugares/Territórios estão enraizados em vivências corporais, propõe-se uma abordagem que: a) adota a perspectiva do sujeito como portador de sentido e intencionalidade; b) baseia-se na concepção do *leib* e de suas interações com ambientes sociais e materiais; c) considera a imaginação — enraizada nas tipificações do mundo-da-vida corporificado — como potência criadora existencial e força operante na residência da experiência socioespacial. A fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty (1999) e a hermenêutica social de Alfred Schütz (1979) fornecem o arcabouço teórico fundamental, ampliado pela poética do espaço de Gaston Bachelard (1993), cuja contribuição à imaginação material e à ontologia dos lugares enriquece a dimensão existencial do espaço vívido.

Com base nesse horizonte, esta pesquisa abre caminhos para três desdobramentos: a) pensar o planejamento da paisagem pública articulando corporeidade e produção do espaço; b) investigar a insustentabilidade urbana como crise da mediação entre sociedade e natureza; e c) aprofundar a paisagem como dispositivo político-afetivo que ativa memória, imaginação e resistência no cotidiano urbano amazônico a luz da fenomenologia do mundo-da-vida.



REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993

BERQUE, A. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998, p. 92-122.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998, p. 92-122.

DÖRFLER, T; ROTHFUß, E. The geography of the life-world: Spatialising the social theory of Alfred Schütz. **Erdkunde**, v. 77, n. 2, p. 149–161, 2023.

FIGUEIREDO, S. J. L. O campo do lazer, festa e política nos espaços públicos urbanos. In: BAHIA, M. C. (Org.). Novas leituras do lazer contemporâneo. 1ed. Belém: Naea, 2018, v. 1, p. 151-162.

FONSECA, C. O anonimato e o texto antropológico: dilemas éticos e políticos da etnografia 'em casa'. **Teoria e Cultura**, Campinas, v. 2, n. 1–2, p. 39-53, 2008.

HOLZER, Werther. O conceito de lugar na geografia cultural-humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea. **GEOgraphia**, Niterói, v. 5, n. 10, p. 113-123, 2003.

HONER, A. Lebensweltliche Ethnographie. Ein explorativ-interpretativer Forschungsansatz am Beispiel von Heimwerker-Wissen; **Dt.Univ.-Verl.**: Wiesbaden, Germany, 1993.

HUANG, K. Toward a Phenomenological Reading of Landscape: Bachelard, Merleau-Ponty, and Zong Bing. In: **Phenomenology and Human Experience**. Nordhausen: Verlag Traugott Bautz, 2012. p. 45–63.

_____. Form of Life and Landscape. **Concentric: Literary and Cultural Studies**, v. 41, n. 1, p. 65–86, mar. 2015.

_____. La transformation du paysage urbain: entre imaginaire et expérience. **Inquietude**, v. 7, n. 2, p. 82–102, jul./dez. 2016.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 2 ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MOREIRA, E. Geografias mágicas: ensaios. Belém: UFPA, 1985. In: MOREIRA, E. **Obras reunidas de Eidorfe Moreira**. Belém: CEJUP (vol. VII). 1989.

_____. Ideias para uma concepção geográfica da vida. Belém: SEMEC, 2012.

SAMBATUQUE DA FEIRA DO AÇAÍ. Ocupação cultural na feira do açaí (Ver-o-Peso). Belém, 03 de dez. de 2023. Instagram: @sambatuquefeiradoacai. Disponível em: https://www.instagram.com/sambatuquefeiradoacai/?utm_source=ig_web_button_share_sheet&igshid=OGQ5ZDc2ODk2ZA==. Acesso em: 11 de dezembro de 2023.

SCHUTZ, A. O cenário cognitivo do mundo da vida. In: WAGNER, Helmut R (org.). **Fenomenologia e relações sociais**: textos escolhidos de Alfred Schutz. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. (Parte II) p. 79-122.



SCHÜTZ, A; LUCKMANN, T. **Estruturas do mundo da vida**. Tradução de Tomas da Costa; apresentação e revisão técnica de Hermílio Santos. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2023.

SERPA, A. **Por uma geografia dos espaços vividos**: geografia e fenomenologia. São Paulo: Contexto, 2019

WYLIE, J. Ladscape. London: **Routledge**, 2007.

YIN, R. Y. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookan, 2001.